

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

Associação da ansiedade e uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área da saúde

Mara Dantas Pereira, Míria Dantas Pereira, Michele Fraga de Santana, Joilson Pereira da Silva, João Alves de Moraes Filho , Caique Anizio Santos da Rosa , Paola Fernanda Santos Antunes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4348>

Submetido em: 2022-06-23


Postado em: 2022-06-24 (versão 1)


(AAAA-MM-DD)

Association of anxiety and use of anxiolytics among health-related college students


Associação da ansiedade e uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área da saúde

Anxiety and anxiolytics among students

ORCID iD 0000-0002-5943-540X Mara Dantas **PEREIRA**¹ 

ORCID iD 0000-0002-9774-9717 Míria Dantas **PEREIRA**² 

ORCID iD 0000-0002-5557-260X Michele Fraga de **SANTANA**³ 

ORCID iD 0000-0001-9149-3020 Joilson Pereira da **SILVA**¹ 

ORCID iD 0000-0001-8466-8865 João Alves de **MORAES FILHO**⁴ 

ORCID iD 0000-0002-7507-2629 Caique Anizio Santos da **ROSA**⁵ 

ORCID iD 0000-0003-3031-1179 Paola Fernanda Santos **ANTUNES**⁵ 

Abstract

The study aimed to analyze the association of anxiety and use of anxiolytics among college students in the health area. This is a sectional study, of the web-survey type, with a sample of 286 college students from some courses in the health area. Data collection occurred through electronic forms in Google forms sent by e-mail and Instagram social network. It was noticed a higher frequency of Clonazepam use (n= 31; 62%; p= 0.588) associated with high trait anxiety. Just as there was a preponderance of the use of the same drug (n= 30; 60%; p= 0.982) related to moderate

¹ Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Av. Marechal Rondon, s/n., Rosa Elze, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. Correspondence to: J. P. SILVA. E-mail: <joilsonp@hotmail.com>.

² Universidade Federal de Sergipe, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Aracaju, SE, Brasil.

³ Universidade Tiradentes, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Medicina, Aracaju, SE, Brasil.

⁴ Universidade do Estado de Mato Grosso, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física. Cáceres, MT, Brasil.

⁵ Universidade Tiradentes, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Enfermagem, Aracaju, SE, Brasil.

state anxiety. These occurrences were more pronounced in female college students (42.3%) and who attended public institutions (55.3%). Given this, it is concluded that higher education institutions should invest in awareness-raising actions on the use of anxiolytics, and aimed at minimizing anxiety in this population.

Keywords: Anti-anxiety Agents; Anxiety; College Students; Education, Higher; Mental Health.

Resumo

O estudo objetivou analisar a associação da ansiedade e uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área saúde. Trata-se de um estudo seccional, do tipo web-survey, com amostra de 286 estudantes universitários de alguns cursos da área da saúde. A coleta de dados ocorreu por meio de formulários eletrônicos no Google forms enviados por e-mail e rede social Instagram. Percebeu-se uma frequência maior de uso de Clonazepam ($n= 31$; 62%; $p= 0,588$) associado à ansiedade traço alta. Assim como houve uma preponderância do uso do mesmo medicamento ($n= 30$; 60%; $p= 0,982$) relacionado à ansiedade estado moderada. Essas ocorrências foram mais acentuadas em estudantes universitárias do sexo feminino (42,3%) e que frequentavam instituições públicas (55,3%). Diante disso, conclui-se que as instituições de ensino superior devem investir em ações de conscientização sobre o uso de ansiolíticos, e que visem a minimização da ansiedade dessa população.

Palavras-chave: Ansiedade; Ansiolíticos; Estudantes Universitários; Educação Superior; Saúde Mental.

O ingresso na universidade representa um período marcado por transformações maturacionais (fisiológicas, neurológicas e psicológicas) resultantes da transição da adolescência para a idade adulta (Silva & Costa, 2012). Essa transição nem sempre é um momento fácil, pois exige a adaptação a um novo papel social (Ferreira et al., 2009). Por isso, implica em modificações em diversos contextos na vida do estudante como nos relacionamentos interpessoais (familiares e amigos), no modo de percepção do mundo, na criação de novos vínculos, na organização da rotina, dentre outros (Pereira & Ramos, 2021).

Além disso, o universo acadêmico é repleto de normas, metodologias, grupos e indivíduos desconhecidos, o que demanda a necessidade do estudante de desenvolver um perfil universitário (Martincowski, 2013). Sendo assim, o ambiente universitário pode ser vivenciado como estressante, podendo inclusive, influenciar no

surgimento de sintomas ansiosos e no desempenho acadêmico dos estudantes universitários (Auerbach et al., 2016).

Mundialmente, estudos epidemiológicos mostraram que a ansiedade é predominante em estudantes do ensino superior (31%), tendo o percentual significativamente maior do que a população não universitária da mesma faixa etária (21,4%) (Auerbach et al., 2016; Auerbach et al., 2018). No Brasil, estima-se que 37,75% dos estudantes universitários apresentam sintomas de ansiedade (Demenech et al., 2021). Especificamente, sobre os universitários da área da saúde, Paixão et al. (2021) evidenciaram que 57,9% dos estudantes (cursos de Enfermagem, Fonoaudiologia, Medicina, Fisioterapia e Terapia Ocupacional) de uma universidade brasileira pública de Alagoas apresentam sintomas ansiosos.

A ansiedade é definida como um estado mental de inquietação e desordem, caracterizado pela presença de nervosismo, reatividade emocional ou excitação que provocam um estado emocional irrealista e desagradável no indivíduo (Gama et al., 2021). Nesse sentido, a ansiedade em estudantes universitários parece estar associada a uma série de demandas características do ensino superior. Tais demandas incluem a necessidade de adaptação relacionada à moradia, ao apoio social, à autonomia, às exigências associadas ao conteúdo abordado nas disciplinas, entre outras (Balapala & Indla, 2017).

Vale salientar que a ansiedade pode ser entendida de duas formas distintas, ansiedade traço (AT) e ansiedade estado (AE). No contexto acadêmico, entende-se o termo AT como uma característica estável da personalidade (Machado et al., 2016), que predispõe o estudante a perceber a universidade como ameaçadora e perigosa, ocasionando níveis de ansiedade desproporcionais à situação (Balapala & Indla, 2017). Já a AE é caracterizada como um estado emocional transitório (Machado et al., 2016) que gera níveis elevados de nervosismo, preocupação e apreensão relacionados à excitação sentida nesse ambiente (Gama et al., 2021).

De maneira geral, estes estudantes lidam, frequentemente, com eventos ansiogênicos e exaustivos, que trazem consigo conflitos e exigem um maior esforço de ajustamento e adaptação, surgindo, então, a necessidade de traçar estratégias que permitem a superação dessa situação (Rahmadiana et al., 2021). Isso leva o universitário da área da saúde a procurar uma solução rápida para lidar com problemáticas comuns na rotina acadêmica (sobrecarga de atividades curriculares e extracurriculares ou dificuldade em gerenciar seu tempo e estabelecer prioridades), sendo comumente feito o uso de psicofármacos; muitas vezes de forma

indiscriminada, e isso impacta diretamente na saúde mental desse indivíduo (Marchi et al., 2013; Nogueira, et al. 2021; Peng et al., 2022).

Várias pesquisas em que são investigados fenômenos relacionados à ansiedade e uso de ansiolíticos (Abreu et al., 2022; Bojanić et al., 2021; Tovani et al., 2021) destacaram que os psicofármacos podem ocasionar sofrimento emocional associado à dependência em universitários da área da saúde, além de outras repercussões, como redução do sono, cefaleia, dificuldades de aprendizagem e alterações no desempenho acadêmico destes indivíduos.

Diante destes fatos, entende-se que a problemática do aumento da prevalência de ansiedade entre os universitários da área da saúde associada ao uso indiscriminado de ansiolíticos, pode trazer sérias consequências na saúde mental desses indivíduos. Cabe ressaltar, porém, que ainda são poucos os estudos empíricos no contexto brasileiro sobre a temática que é o objeto central da presente pesquisa. E foi refletindo sobre essa realidade, que se busca, aqui, analisar a associação da ansiedade e uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área saúde.

Método

Trata-se de um estudo seccional, do tipo *web-survey*, com abordagem descritiva, comparativa, correlacional e preditiva. Para obter maior rigor metodológico, este trabalho segue a diretriz proposta pelo *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) (Ceballos et al. 2014). O cenário de pesquisa abrangeu três regiões geográficas do Brasil (Nordeste, Sudeste e Sul). A obtenção dos dados foi on-line e ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2021, com a participação dos estudantes universitários da área da saúde em suas respectivas residências.

Participantes

Participaram do estudo 286 estudantes do ensino superior, com idade média de 23,3 anos (\pm desvio-padrão - *DP* = 4,9), sendo 222 mulheres (77,9% da amostra), de 13 diferentes cursos de graduação em áreas das ciências da saúde (Biologia, Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia, Psicologia, Quiropraxia e Terapia Ocupacional). Os participantes foram selecionados por conveniência (amostragem não probabilística), e por atenderem aos seguintes critérios: (a) estar

cursando graduação na área de saúde em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, (b) ter idade igual ou maior a 18 anos e (c) ter acesso à internet.

No presente estudo, os estudantes são pertencentes a diferentes instituições de ensino, públicas, privadas e comunitárias; e de alguns Estados brasileiros das regiões Nordeste (Alagoas, Bahia e Sergipe), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná e Rio Grande do Sul).

Instrumentos

Questionário sociodemográfico e clínico: abordou questões como idade, etnia, sexo, estado civil, estado, curso, período, universidade, sintomas (físicos e psicológicos) da ansiedade e histórico de uso de medicamentos ansiolíticos.

Inventário de Ansiedade Traço-estado (IDATE): criado por Spielberger et al. (1970) e validado no Brasil por Biaggio e Natalício (1979). O coeficiente alfa Cronbach do instrumento é de 0.86 a 0.95 (Spielberger et al., 1980). É composto por duas escalas de 40 itens distribuídos em formato Likert de quatro pontos, variando de “4- muitíssimo” a “1- Absolutamente não”. Sendo que a primeira escala avalia o estado de ansiedade (IDATE-E) e a segunda, o traço de ansiedade (IDATE-T). Cada parte avaliativa é constituída de 20 alternativas (Grös et al., 2007).

Procedimentos

Após aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tiradentes (CAAE nº 20058919.5.0000.5371), o estudo foi divulgado na rede social Instagram e também via e-mail institucional vinculado as universidades participantes. Este convite informava sobre a pesquisa e solicitava a participação de estudantes que estivessem cursando a graduação na área da saúde. A partir do acesso ao link da pesquisa, via formulário do Google, os possíveis participantes liam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Caso concordassem com as condições do estudo, informavam essa concordância por meio eletrônico, sendo então, direcionados para uma página que continham o questionário e o inventário desta pesquisa, com uma duração média de 20 minutos.

Análise de dados

Os dados obtidos foram organizados em uma planilha do programa Microsoft Excel, por meio de dupla digitação e posterior validação, a fim de controlar possíveis erros, e posteriormente exportados e analisados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 25.0, de forma que os dados do perfil sociodemográfico e clínico foram caracterizados por meio de frequências absolutas e relativas percentuais (estatística descritiva). A verificação do pressuposto de normalidade foi realizada pelo teste Kolmogorov-Smirnov com Correção de Lilliefors.

Em seguida, foi realizado o teste Exato de Fisher em tabelas quadráticas (linhas e colunas apresentam o mesmo número) e o teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2) em tabelas não-quadráticas (número de linhas e colunas diferem), ambos com o objetivo de avaliar a distribuição dos dados das variáveis em relação aos níveis sintomáticos de ansiedade por meio dos escores dos IDATEs (IDATE-T e IDATE-E).

No que se refere à análise correlacional, foi utilizado o teste de Tau-b de Kendall, com o intuito de avaliar a correlação dos escores (IDATE) entre ambos os índices, analisando a força da correlação com as variáveis idade, período e medicamentos utilizados. Adicionalmente, verificou-se a taxa de concordância entre o IDATE-T e IDATE-E através do teste de coeficiente Kappa (K). Para todas as análises, foi adotado o intervalo de confiança a 95% e o nível de significância de $p < 0,05$.

Resultados

Inicialmente procedeu-se uma análise descritiva, indicando que a amostra, apresentada na Tabela 1, é composta majoritariamente por 245 participantes do sexo feminino ($n = 222$; 77,9%), com uma média ($\pm DP$) de idade de $23,3 \pm 4,9$ anos. A maioria era solteiro ($n = 267$; 97,3%); matriculados no curso de Medicina ($n = 126$; 44,2%); cursando o oitavo período ($n = 74$; 26%); residentes do estado de Sergipe ($n = 166$; 58,2%); autodeclarados brancos ($n = 142$; 49,8%); solteiros ($n = 260$; 85,8%); e que frequentavam IES particulares ($n = 229$; 80,4%).

Tabela 1.

Distribuição dos estudantes universitários da área da saúde segundo variáveis sociodemográficas

Variável	N (%)
<i>Etnia</i>	
Amarela	2 (0,7)
Branca	142 (49,8)
Indígena	6 (2,1)
Negro	26 (9,1)
Parda	109 (38,2)
<i>Sexo</i>	
Feminino	222 (77,9)
Masculino	63 (22,1)
<i>Estado civil</i>	
Casado(a)	17 (6)
Divorciado(a)	1 (0,4)
Solteiro(a)	267 (93,7)
<i>Estado</i>	
Alagoas	18 (6,3)
Bahia	9 (3,2)
Minas Gerais	16 (5,6)
Outros	35 (12,3)
Paraná	14 (4,9)
Rio de Janeiro	1 (0,4)
Rio Grande do Sul	6 (2,1)
São Paulo	20 (7)
Sergipe	166 (58,2)
<i>Curso</i>	
Biologia	1 (0,4)
Biomedicina	13 (4,6)
Educação Física	3 (1,1)
Enfermagem	78 (27,4)
Farmácia	14 (4,9)
Fisioterapia	9 (3,2)
Fonoaudiologia	2 (0,7)
Medicina	126 (44,2)
Nutrição	5 (1,8)
Odontologia	2 (0,7)
Psicologia	29 (10,2)
Quiropraxia	1 (0,4)
Terapia Ocupacional	2 (0,7)
<i>Período</i>	
1	11 (3,9)
2	24 (8,4)
3	19 (6,7)
4	17 (6)
5	40 (14)
6	35 (12,3)
7	24 (8,4)
8	74 (26)
9	19 (6,7)
10	21 (7,4)
12	1 (0,4)
<i>Instituição de ensino superior</i>	
Comunitária	9 (3,2)
Particular	229 (80,4)
Pública	47 (16,5)

Em seguida, utilizou-se o teste de Correlação Tau b de Kendall para analisar as correlações entre as variáveis (idade, período e quantidade de medicações) e os escores do IDATE-E e IDATE-T (Tabela 2). O teste revelou a inexistência de correlação entre variáveis IDATE-E e quantidade de medicações ($p = 0,081$; $r = 0,132$). Também não foi encontrada correlação entre a idade e IDATE-E ($p = 0,301$; $r = -0,044$). Quanto ao período e IDATE-T ($p = 0,125$; $r = 0,066$) não se verificou correlação. Também ocorreu o mesmo entre IDATE-E e quantidade de medicações ($p = 0,390$; $r = -0,065$). Em contraste, a idade influenciou na presença de IDATE-T ($p = 0,007$; $r = -0,114$), contudo, os dados permitem inferir que esta correlação foi considerada fraca.

Tabela 2.*Correlações entre as variáveis estudadas com ansiedade traço-estado*

Variável		IDATE-E		IDATE-T	
		r	p	r	p
Idade	r	-0,044		-0,114	
	p	0,301		0,007	
Período	r	-0,037		-0,066	
	p	0,396		0,125	
Quantidade de medicações	r	0,132		-0,065	
	p	0,081		0,390	

Nota: Utilizou-se o teste de Correlação Tau b de Kendall. *p*: probabilidade de significância. *r*: coeficiente de correlação.

Sobre as comparações das médias obtidas por homens e mulheres relativo ao uso de ansiolíticos, observou-se que as mulheres (42,3%) obtiveram médias significativamente maiores que os homens (31,7%). Com relação as IES, majoritariamente os participantes que mais recorriam a ansiolíticos frequentavam instituições públicas (55,3%), seguido de particulares (37,6%) e comunitárias (22,2%), respectivamente. Dando continuidade às análises, utilizou-se o teste *K* para identificar a taxa de concordância entre o IDATE-T e IDATE-E em estudantes universitários da área da saúde. Observou-se uma taxa de concordância significativa ($p = 0,003$), entretanto fraca ($k = 0,163$) (Tabela 3).

Tabela 3.*Comparação das variáveis estudadas com o uso de ansiolíticos*

Variável	Uso de Ansiolíticos		P
	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	
Instituição de ensino superior			
Comunitária	2 (22,2)	7 (77,8)	0,042*
Particular	86 (37,6)	143 (62,4)	
Pública	26 (55,3)	21 (44,7)	
Sexo			
Feminino	94 (42,3)	128 (57,7)	0,146**
Masculino	20 (31,7)	43 (68,3)	

Nota: * χ^2 : Teste Qui-quadrado de Pearson. ** Teste Exato de Fisher.

Na sequência, para obter a associação entre os graus de ansiedade do IDATE e a variável sexo, foi utilizado o teste χ^2 . Em relação ao sexo masculino e IDATE-T, em predominância apresentaram grau moderado (57,1%), seguido por alto (42,9%) e leve (0%). No sexo feminino, em primazia exibiram grau alto (51,8%); seguido de moderado (47,7%) e leve (0,5%). Para ambas as análises foi achada a significância estatística $p = 0,379$. Nos homens, observou-se maior prevalência de ansiedade moderada, e, nas mulheres, de ansiedade alta (Tabela 4).

Tabela 4.

Associação multivariada entre o uso de ansiolíticos e ansiedade traço-estado

Variável	IDATE-E				IDATE-T			
	Sem ansiedade ou leve	Ansiedade moderada	Ansiedade alta	*p	Sem ansiedade ou leve	Ansiedade moderada	Ansiedade alta	*p
<i>Uso de ansiolítico</i>	2 (1,8)	69 (60,5)	43 (37,7)	0,187	1 (0,9)	46 (40,4)	67 (58,8)	0,019
<i>Sexo</i>								
Feminino	3 (1,4)	151 (68)	68 (30,6)	0,283	1 (0,5)	106 (47,7)	115 (51,8)	0,379
Masculino	0 (0)	38 (60,3)	25 (39,7)		0 (0)	36 (57,1)	27 (42,9)	
<i>Diazepam</i>	0 (0)	8 (72,7)	3 (27,3)	0,649	0 (0)	6 (54,5)	5 (45,5)	0,582
<i>Amitriprilina</i>	0 (0)	8 (72,7)	3 (27,3)	0,722	0 (0)	3 (37,5)	5 (62,5)	0,945
<i>Bupropiona</i>	0 (0)	4 (100)	0 (0)	0,259	0 (0)	2 (50)	2 (50)	0,911
<i>Bupiriona</i>	0 (0)	2 (40)	3 (60)	0,564	0 (0)	2 (40)	3 (60)	0,977
<i>Citalopram</i>	0 (0)	9 (69,2)	4 (30,8)	0,730	0 (0)	7 (53,8)	6 (46,2)	0,552
<i>Clonazepam</i>	1 (2)	30 (60)	19 (38)	0,982	0 (0)	19 (38)	31 (62)	0,588
<i>Desvenlafaxina</i>	0 (0)	3 (60)	2 (40)	0,952	0 (0)	2 (40)	3 (60)	0,977
<i>Duloxetina</i>	0 (0)	2 (50)	2 (50)	0,855	0 (0)	2 (50)	2 (50)	0,911
<i>Escitalopram</i>	0 (0)	7 (87,5)	1 (12,5)	0,268	0 (0)	5 (62,5)	3 (37,5)	0,410
<i>Fluoxetina</i>	0 (0)	10 (50)	10 (50)	0,399	0 (0)	9 (45)	11 (55)	0,818
<i>Fluvoxamina</i>	0 (0)	0 (0)	2 (100)	0,186	0 (0)	0 (0)	2 (100)	0,490
<i>Levomepromazina</i>	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,720	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,474
<i>Sertralina</i>	0 (0)	4 (40)	6 (60)	0,301	0 (0)	4 (40)	6 (60)	0,952
<i>Venlafaxina</i>	0 (0)	3 (75)	1 (25)	0,720	0 (0)	1 (25)	3 (75)	0,793
<i>Zolpidem</i>	0 (0)	2 (66,7)	1 (33,3)	0,956	0 (0)	2 (66,7)	1 (33,3)	0,953
<i>Bromazepam</i>	0 (0)	3 (75)	1 (25)	0,821	0 (0)	2 (50)	2 (50)	0,911
<i>Clobazam</i>	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,720	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,474
<i>Clorpromazina</i>	0 (0)	0 (0)	1 (100)	0,435	0 (0)	0 (0)	1 (100)	0,702
<i>Vortioxetina</i>	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,720	0 (0)	0 (0)	1 (100)	0,702
<i>Trazodona</i>	0 (0)	2 (66,7)	1 (33,3)	0,956	0 (0)	1 (33,3)	2 (66,7)	0,953
<i>Quetiapina</i>	0 (0)	0 (0)	2 (100)	0,186	0 (0)	1 (50)	1 (50)	0,955

Nota: * χ^2 : Teste Qui-quadrado de Pearson. p: probabilidade de significância.

Sobre o sexo masculino e o IDATE-E, em preponderância os respondentes apresentaram grau moderado (60,3%); seguido por alto (39,7%) e leve (0%). No sexo feminino, em prevalência exibiram grau moderado (68%); seguido de alto (30,6%) e leve (1,4%). Para estas análises foi encontrada a significância estatística $p = 0,283$. Em ambos os sexos, observou-se maior prevalência de ansiedade moderada.

De forma geral, as associações entre o uso de ansiolíticos e o IDATE foram verificadas também por meio do teste χ^2 . Com relação ao uso de ansiolíticos e o IDATE-T, houve predominância do grau alto (58,8%); seguido de grau moderado (40,4%) e leve (0,9%). Observou-se uma significância estatística de $p = 0,019$. Tais dados evidenciaram que o grau de ansiedade influenciou diretamente no uso de ansiolíticos, sendo mais preponderante a ansiedade alta entre os participantes.

Também na generalidade, em relação ao uso de ansiolíticos e o IDATE-E, houve prevalência do grau moderado (60,5%); seguido por alto (37,7%) e de leve (1,8%). Para realização das análises foi encontrada a significância estatística $p = 0,187$. Observou-se diante destes dados que a ansiedade moderada é mais predominante entre os participantes.

Na sequência, observou-se que 21 medicamentos foram utilizados pelos participantes no período da coleta de dados deste estudo (ver Tabela 4). Os ansiolíticos benzodiazepínicos - BDZs (Diazepam e Clonazepam) foram os mais

consumidos, seguidos dos antidepressivos, das classes inibidores seletivos de recaptção de serotonina – ISRS (Escitalopram, Citalopram e Fluoxetina) e antidepressivo tricíclico – ADTs (Amitriprilina), respectivamente.

No presente estudo (ver Tabela 4), procedeu-se ainda o teste χ^2 para analisar a relação entre os tipos de ansiolíticos com o IDATE, verificando-se diferenças significativas entre os níveis de ansiedade, tendo por referência $\chi^2 = 0,019$ ($p < 0,05$). Com relação ao uso de ansiolíticos e o IDATE-T, percebeu-se que uma frequência maior do uso de Clonazepam ($n= 31$; 62%; $p= 0,588$) e Fluoxetina ($n= 11$; 55%; $p= 0,818$) associados à ansiedade alta. Já para analisar o uso de ansiolíticos com o IDATE-E, verificou-se a maior predominância no uso de Clonazepam relacionado à ansiedade moderada ($n= 30$; 60%; $p= 0,982$) e alta ($n= 19$; 38%; $p= 0,982$) entre os participantes.

Para avaliar as associações entre o tipo de IES com os escores do IDATE, empregaram-se os testes χ^2 e Exato de Fisher. Verificou-se que os participantes frequentantes de IES comunitárias (100%) e públicas (59,6%) apresentaram níveis alto de IDATE-T. Por outro lado, aqueles oriundos das instituições particulares encontravam-se com ansiedade moderada (53,7%). Em relação às IES e o IDATE-E, constatou-se que os participantes independentemente da IES [particular (67,2%), pública (63,8%) e comunitária (55,6%)] que estavam vinculados apresentaram ansiedade com o grau moderado.

Por fim, empregaram-se análises por meio dos testes χ^2 e Exato de Fisher para verificar as associações entre os sintomas autorrelatados pelos participantes com os escores do IDATE. Sobre os sintomas e o IDATE-T, percebeu-se a prevalência dos subsequentes sintomas físicos (tremores, sonolência, taquicardia, falta de ar e dores estomacais) e psicológicos (insônia, ansiedade, decepção, fobia social, pânico e tristeza). Em relação aos sintomas e o IDATE-E, observou-se a predominância dos seguintes sintomas físicos: tremores, vertigem, dor de cabeça, autolesão, sonolência, taquicardia e falta de ar; e psicológicos: insônia, ansiedade, depressão, decepção e estresse. Para as análises foi achada a significância estatística de $p= 1,000$.

Discussão

Ao analisar as associações entre ansiedade e uso de ansiolíticos em estudantes universitários da área saúde, constatou-se que ocorreu uma relação entre ansiedade e as IES frequentadas pelos participantes. Uma vez observada

maior prevalência nos níveis de AT (comunitárias e públicas – grau alto), em comparação entre os níveis de AE (particulares e públicas – grau moderado) dos participantes. Adicionalmente, evidenciou-se que a variável idade influencia diretamente no surgimento de AT. Diferentemente dos achados encontrados, Nazir et al. (2021) constataram que apenas os estudantes de IES particulares apresentam um percentual maior de AT (42,88%) e AE (50,15%), utilizando-se nível de significância de $p < 0,001$. Ressalta-se ainda que os autores não analisaram a relação entre a idade e a ansiedade.

Em relação ao IDATE e a variável sexo, percebeu-se que as mulheres exibem maior preponderância de AT (51,8%); já os homens demonstram maior prevalência de AE (60,3%). Tais achados são cotejados pela literatura, Nazir et al. (2021) evidenciaram que as mulheres universitárias apresentaram uma maior média do escore no IDATE-T ($M = 48,45$; $DP = \pm 12,79$; $p < 0,001$), em comparação com os estudantes do sexo masculino que demonstraram uma média elevada no IDATE-E ($M = 41,85$; $DP = \pm 8,91$; $p < 0,001$).

De fato, a literatura demonstra que as manifestações de AT em estudantes universitárias sugerem se deve a uma maior presença de traços de suas personalidades na ansiedade; como também de uma tendência mais estável de experimentar medo, preocupação e ansiedade em muitas situações cotidianas. Já a ocorrência de AE em universitários do sexo masculino, encontra-se relacionada à ansiedade transitória que muda com base em estímulos emergentes de suas vivências; além dos estados emocionais negativos (medo, nervosismo e desconforto) ser experienciados de forma temporária a partir de situações percebidas como perigosas (Bados et al., 2010; Deer et al., 2018; Thomas & Cassady, 2021; Williams & Crawford, 2016).

Com relação ao uso de ansiolíticos, observou-se que 42,3% das mulheres fazem uso destes medicamentos, sendo o percentual inferior em homens (31,7%). Tais resultados sugerem, portanto, uma maior propensão das universitárias de procurar os psicofármacos. Aquino et al. (2010) encontraram resultados semelhantes, evidenciando um maior consumo em estudantes do sexo feminino (66,5%). Por sua vez, os achados podem ser explicados em parte pela maior exposição das mulheres à medicalização em todas as fases de sua vida, maior procura por cuidados médicos e campanhas educativas mais direcionadas a elas (Forster et al., 2019).

O presente trabalho também explorou diferenças entre as associações de sintomas (físicos e psicológicos) autorrelatos de ansiedade e consumo de ansiolíticos entre os estudantes universitários dos cursos de saúde. Os achados indicaram que a presença de taquicardia, dor de cabeça, sintomas de ansiedade, depressão e insônia foram determinantes para o uso de ansiolíticos entre esses indivíduos. Do mesmo modo, Bojanić et al. (2021) apontaram para os mesmos fatores e alertam que estes estudantes universitários frequentemente desconhecem os efeitos adversos (fadiga, sonolência, perda da coordenação motora, redução dos reflexos, da atenção e da concentração) dos medicamentos utilizados. Além disso, é importante destacar que há o perigo do consumo indevido destes psicofármacos causar intoxicações nestes indivíduos (Jia et al., 2018).

Com relação ao uso indiscriminado e inadequado dos medicamentos ansiolíticos, alguns estudos apontam que o uso de ansiolíticos é prevacente entre jovens adultos na faixa etária de 18 a 25 anos (Brandt et al., 2021; Nida, 2019). Especificamente, Brandt et al. (2014) alertaram que 37% dos estudantes universitários fazem uso indevido de ansiolíticos. Diante disso, vários autores vêm chamar atenção para as altas taxas de morbidade e mortalidade de indivíduos que fazem uso indevido de medicamentos prescritos, estão se tornando uma realidade da população universitária (Monnat & Chandler, 2015; Forster et al., 2018).

Vera et al. (2021) sustentam esse argumento, por considerar a universidade como um local crítico para o uso de ansiolíticos e o desenvolvimento de padrões de consumo problemáticos. De acordo com Fond et al. (2019), 20% dos universitários de cursos da área da saúde fazem uso diário de ansiolíticos. Ainda, segundo esses autores, os estudantes estavam lidando com mais frequência com várias situações problemáticas, tais como: ansiedade antes dos exames, dificuldades de lidar com as responsabilidades acadêmicas e cumprir com as atividades dos estágios.

Neste estudo, consideraram-se como ansiolíticos todos os medicamentos psicofármacos classificados como antidepressivos, antipsicóticos, BZDs, barbitúricos e outras medicações sedativos-hipnóticas, que possuem ação nos sintomas de ansiedade de grau leve a grave, excetuando-se anestésicos e analgésicos. Adicionalmente, os resultados demonstram que houve uma associação mais forte entre ansiedade moderada a alta e o uso de ansiolíticos da classe dos BZDs e dos antidepressivos ISRS, sendo os medicamentos mais consumidos pelos participantes.

Ressalta-se que os BZDs produzem diversos efeitos colaterais, especialmente associados ao mecanismo de seu efeito terapêutico, sendo eles a sonolência, a tontura, a falta de concentração e coordenação (Ganson et al., 2021). Dado os efeitos dos BZDs, torna-se relevante mencionar que estes medicamentos podem causar tolerância, dependência e sintomas de abstinência; como consequência, são atualmente consideradas drogas de grande abuso. Consequentemente, os BZDs puros são substâncias controladas, o que exige a retenção de receita médica (Morris et al., 2021).

Quanto ao principal desfecho do estudo, verifica-se que muitos estudantes universitários com ansiedade fazem o uso de ansiolíticos (Em prevalência há o uso do medicamento Clonazepam associado com AT alta e AE moderada entre os participantes) como forma de lidar com os eventos adversos que fazem parte do cotidiano acadêmico (Fond et al., 2019). Nessa perspectiva, a literatura chama a atenção para o uso indevido de medicamentos ao longo da graduação, dado que ser estudante da área de saúde está frequentemente relacionado a um maior conhecimento sobre medicamentos e esse fato pode colaborar para o aumento da automedicação (Felitti et al., 2019; Pakdaman et al., 2021).

Isso posto, torna-se fundamental acrescentar que se a ansiedade não for tratada adequadamente (sem o acompanhamento psicológico), e apenas seja feito o uso de ansiolíticos, isto pode levar a diversas reações adversas ou dependência entre os estudantes universitários, e consequentemente agravos à saúde física e mental dessa população (Morcerf & Acero, 2021).

Conclusão

Os achados deste estudo evidenciaram que o consumo dos medicamentos ansiolíticos se encontrava associado à AE moderada e à AT alta entre os estudantes universitários da área da saúde. Assim, esses resultados colaboram para o conhecimento na área mostrando a associação e a importância de se trabalhar com IDATE com essa população.

Além disso, esta pesquisa pode contribuir para a prática da área da Psicologia da Saúde, ampliando a atenção para o contexto universitário, visto que a partir desta investigação constatou-se a prevalência de consumo de psicofármacos entre estudantes de IES foi superior ao esperado, considerando-se o contexto (universidade) a fase do ciclo vital desta população (adulta jovem). Ainda, observou-

se também que, a aplicação de um questionário próprio foi uma ferramenta muito útil para conhecer a sintomas físicos e psicológicos apresentados e os medicamentos utilizados pelos participantes.

Na literatura nacional, há poucos estudos que investigam a associação da ansiedade e uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área da saúde. Nesse sentido, torna-se um grande desafio para as IES realizarem pesquisas nessa linha que reflitam a realidade nacional e contribuam para a implementação de ações preventivas e para a avaliação de sua evolução e impacto.

Este estudo apresenta limitações. Primeiro, aponta-se o fato de que os dados transversais fazem com que não seja possível estabelecer inferências sobre causa e efeito. Segundo, todas as respostas foram autorrelatadas, com potencial para viés de relatório. Por outro lado, ressalta-se a importância de considerar os resultados deste estudo em benefício dos universitários dos cursos de saúde, utilizando-os como norte para o planejamento de trabalhos futuros que investiguem os fatores culturais, que identifiquem os fatores de risco e os padrões determinantes para o consumo de ansiolíticos nessa população.

Recomenda-se também que pesquisas futuras explorem intervenções em saúde mental para estes estudantes por encontrarem-se em contexto de vulnerabilidade. Diante disso, é necessário que as instituições de ensino superior invistam em ações educativas de conscientização sobre o uso racional de psicofármacos (Por exemplo, ansiolíticos), bem como ofertar serviços de atenção psicológica para minimização da ansiedade entre os estudantes universitários da área da saúde. Para isso, é muito importante que haja a ampliação dos serviços ofertados pelas clínicas-escolas de Psicologia nas universidades para promoção da saúde mental dessa população.

Contribuições dos Autores

Ma. D. PEREIRA, J. P. SILVA e M. F. SANTANA contribuíram para a concepção e desenho do projeto geral (análise e interpretação dos dados), assim como pela revisão e aprovação da versão final deste artigo. C. A. S. ROSA e P. F. S. ANTUNES contribuíram para a coleta de dados, interpretação e discussão dos resultados. Mi. D. PEREIRA contribuiu para a concepção, supervisão da coleta de dados, interpretação

e discussão dos resultados. J. A. MORAES FILHO contribuiu para a análise dos dados, interpretação e discussão dos resultados.

Referências

- Abreu, V. S. M., Teles, D. O., Rodrigues, H. B. V., Pires, J. M., Soares, P. R. A. L., Aquino, P. S., & Ribeiro, S. G. (2022). Fatores de risco para uso de fármacos do Sistema Nervoso Central entre estudantes de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(4), 1–7. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0756>
- Aquino, D. S., Barros, J. A. C., & Silva, M. D. P. (2010). A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 2533–2538. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>
- Auerbach, R. P., Alonso, J., Axinn, W. G., Cuijpers, P., Ebert, D. D., Green, J. G., Hwang, I., Kessler, R. C., Liu, H., Mortier, P., Nock, M. K., Pinder-Amaker, S., Sampson, N. A., Aguilar-Gaxiola, S., Al-Hamzawi, A., Andrade, L. H., Benjet, C., Caldas-De-Almeida, J. M., Demyttenaere, K., ... Bruffaerts, R. (2016). Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. *Psychological Medicine*, 46(14), 2955–2970. <https://doi.org/10.1017/S0033291716001665>
- Auerbach, Randy P., Mortier, P., Bruffaerts, R., Alonso, J., Benjet, C., Cuijpers, P., Demyttenaere, K., Ebert, D. D., Green, J. G., Hasking, P., Murray, E., Nock, M. K., Pinder-Amaker, S., Sampson, N. A., Stein, D. J., Vilagut, G., Zaslavsky, A. M., & Kessler, R. C. (2018). The WHO World Mental Health Surveys International College Student Project: Prevalence and Distribution of Mental Disorders. *Journal of Abnormal Psychology*, 127(7), 638. <https://doi.org/10.1037/ABN0000362>

- Bados, A., Gómez-Benito, J., & Balaguer, G. (2010). The state-trait anxiety inventory, trait version: Does it really measure anxiety? *Journal of Personality Assessment, 92*(6), 560–567. <https://doi.org/10.1080/00223891.2010.513295>
- Balapala, K. R., & Indla, D. (2017). Depression, Anxiety, and Stress among Health Science Students belonging to Non-affluent Families: A University-based Study. *International Journal of Scientific Study, 4*(12), 99–102. <https://doi.org/10.17354/ijss/2017/106>
- Biaggio, A. M. B., Natalício, L. (1979). *Manual para o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE)*. CEPA.
- Bojanić, I., Sund, E. R., Bjerkeset, O., Sivertsen, B., & Sletvold, H. (2021). Psychological Distress and Use of Psychotropic Drugs Among University Students—the SHoT Study, Norway. *Frontiers in Psychiatry, 12*(1), 1–8. <https://doi.org/10.3389/FPSYT.2021.717955/BIBTEX>
- Brandt, S. A., Taverna, E. C., & Hallock, R. M. (2014). A survey of nonmedical use of tranquilizers, stimulants, and pain relievers among college students: Patterns of use among users and factors related to abstinence in non-users. *Drug and Alcohol Dependence, 143*, 272–276. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2014.07.034>
- Brandt, J., Janzen, D., Alessi-Severini, S., Singer, A., Chateau, D., Enns, M., & Leong, C. (2021). Risk of long-term benzodiazepine and Z-drug use following the first prescription among community-dwelling adults with anxiety/mood and sleep disorders: a retrospective cohort study. *BMJ Open, 11*(11), 1–10. <https://doi.org/10.1136/BMJOPEN-2020-046916>

- Cevallos, M., Egger, M., & Moher, D. (2014). STROBE (STrengthening the Reporting of OBServational studies in Epidemiology). *Guidelines for reporting health research: a user's manual*, 169-79.
- Deer, L. K., Gohn, K., & Kanaya, T. (2018). Anxiety and self-efficacy as sequential mediators in US college students' career preparation. *Education + Training*, 60(2), 185–197. <https://doi.org/10.1108/ET-07-2017-0096>
- Demenech, L. M., Oliveira, A. T., Neiva-Silva, L., & Dumith, S. C. (2021). Prevalence of anxiety, depression and suicidal behaviors among Brazilian undergraduate students: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 282, 147–159. <https://doi.org/10.1016/J.JAD.2020.12.108>
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P., & Marks, J. S. (2019). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The adverse childhood experiences (ACE) study. *American Journal of Preventive Medicine*, 56(6), 774–786. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2019.04.001>
- Ferreira, C. L., Almondes, K. M., Braga, L. P., Mata, Á. N. S., Lemos, C. A., & Maia, E. M. C. (2009). Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(3), 973–981. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000300033>
- Fond, G., Bourbon, A., Lançon, C., Boucekine, M., Micoulaud-Franchi, J.-A., Auquier, P., & Boyer, L. (2019). Psychiatric and psychological follow-up of undergraduate and postgraduate medical students: Prevalence and associated factors. Results from the national BOURBON study. *Psychiatry Research*, 272, 425–430. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.12.174>

- Forster, M., Grigsby, T. J., Rogers, C. J., & Benjamin, S. M. (2018). The relationship between family-based adverse childhood experiences and substance use behaviors among a diverse sample of college students. *Addictive Behaviors, 76*, 298–304. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2017.08.037>
- Forster, M., Rogers, C. J., Benjamin, S. M., Grigsby, T. J., Lust, K., & Eisenberg, M. E. (2019). Adverse childhood experiences, ethnicity, and substance use among college students: Findings from a twostate sample. *Substance Use & Misuse, 54* (14), 2368-2379. <https://doi.org/10.1080/10826084.2019.1650772>
- Ganson, K. T., Murray, S. B., & Nagata, J. M. (2021). Associations between eating disorders and illicit drug use among college students. *International Journal of Eating Disorders, 54*(7), 1127–1134. <https://doi.org/10.1002/EAT.23493>
- Grös, D. F., Antony, M. M., Simms, L. J., & McCabe, R. E. (2007). Psychometric Properties of the State-Trait Inventory for Cognitive and Somatic Anxiety (STICSA): Comparison to the State-Trait Anxiety Inventory (STAI). *Psychological Assessment, 19*(4), 369–381. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.19.4.369>
- Jia, Z., Jin, Y., Zhang, L., Wang, Z., & Lu, Z. (2018). Prevalence of drug use among students in mainland China: A systematic review and meta-analysis for 2003–2013. *Drug and Alcohol Dependence, 186*(1), 201–206. <https://doi.org/10.1016/J.DRUGALCDEP.2017.12.047>
- Machado, T., Paes, M., Alquiére, S., Osiecki, A., Lirani, L., & Stefanello, J. (2016). Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 30*(4), 1061–1067. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000401061>

Marchi, K. C., Bárbaro, A. M., Miasso, A. I., & Tirapelli, C. R. (2013). Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 15(3), 729–737. <https://doi.org/10.5216/REE.V15I3.18924>

Martincowski, T. M. (2013). A inserção do aluno iniciante de graduação no universo autoral: a leitura interpretativa e a formação de arquivos. *Cadernos da Pedagogia*, 6(12), 129–140. <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/508>

Monnat, S. M., & Chandler, R. F. (2015). Long term physical health consequences of adverse childhood experiences. *The Sociological Quarterly*, 56(4), 723–752. <https://doi.org/10.1111/tsq.12107>

Morcerf, C. C. P., & Acero, P. H. C. (2021). Saúde mental nas escolas médicas: Trabalhando com percepções de acadêmicos de Medicina. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 10(1), 56–72. <https://www.revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/352>

Morris, M. R., Hoeflich, C. C., Nutley, S., Ellingrod, V. L., Riba, M. B., & Striley, C. W. (2021). Use of psychiatric medication by college students: A decade of data. *Pharmacotherapy: The Journal of Human Pharmacology and Drug Therapy*, 41(4), 350–358. <https://doi.org/10.1002/PHAR.2513>

Nazir, M. A., Izhar, F., Talal, A., Sohail, Z. B., Majeed, A., & Almas, K. (2021). A quantitative study of test anxiety and its influencing factors among medical and dental students. *Journal of Taibah University Medical Sciences*, 16(2), 253–259. <https://doi.org/10.1016/j.jtumed.2020.12.014>

Nogueira, É. G., Matos, N. C., Machado, J. N., Araújo, L. B., Silva, A. M. T. C., & Almeida, R. J. (2021). Avaliação dos níveis de ansiedade e seus fatores associados em estudantes internos de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 45(1), 1–9. <https://doi.org/10.1590/1981-5271V45.1-20200174>

Paixão, J. T. S., Macêdo, A. C., Melo, G. C., Silva, Y. S., Silva, M. A. M., Rezende, N. S., & Brandão, T. M. (2021). Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários da área da saúde. *Enfermagem em Foco*, 12(4), 780–786. <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n4.4595>

Pakdaman, S., Unger, J. B., Forster, M., Rogers, C. J., Sussman, S. Y., & Benjamin, S. M. (2021). Childhood Trauma and Prescription Drug Misuse in a College Population. *Substance Use & Misuse*, 56(1), 140–144. <https://doi.org/10.1080/10826084.2020.1846056>

Peng, L., Morford, K. L., & Levander, X. A. (2022). Benzodiazepines and Related Sedatives. *Medical Clinics*, 106(1), 113–129. <https://doi.org/10.1016/J.MCNA.2021.08.012>

Pereira, L. C., & Ramos, F. P. (2021). Procrastinação acadêmica em estudantes universitários: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, 1–7. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021223504>

Rahmadiana, M., Karyotaki, E., Schulte, M., Ebert, D. D., Passchier, J., Cuijpers, P., Berger, T., van Ballegooijen, W., Wimbarti, S., & Riper, H. (2021). Transdiagnostic Internet Intervention for Indonesian University Students With Depression and Anxiety: Evaluation of Feasibility and Acceptability. *JMIR Ment Health*, 8(3), 1–14. <https://doi.org/10.2196/20036>

- Silva, R. S., & Costa, L. A. (2012). Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes universitários da área da saúde. *Encontro: Revista de Psicologia*, 15(23), 105–112. <https://seer.pgsskroton.com/renc/article/view/2473>
- Spielberger, C. D., Gorsuch, R. L. & Lushene, R. D. (1970). *STAI: manual for the State – Trait Anxiety Inventory*. Consulting Psychologists Press.
- Spielberger, C. D., Vagg, P. R., Barker, L. R., Donham, G. W., & Westberry, L. G. (1980). The factor structure of the state-trait anxiety inventory. *Stress and Anxiety*, 7, 95–109.
- Thomas, C. L., & Cassady, J. C. (2021). Validation of the State Version of the State-Trait Anxiety Inventory in a University Sample. *SAGE Open*, 11(3), 1–10. <https://doi.org/10.1177/21582440211031900>
- Tovani, J. B. E., Santi, L. J., & Trindade, E. V. (2021). Use of psychotropic drugs by students from the health area: a comparative and qualitative analysis. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 45(3), 1–10. <https://doi.org/10.1590/1981-5271V45.3-20200485.ING>
- Vera, B., Pilatti, A., & Pautassi, R. M. (2021). ELSA cohorte 2014: Clases de consumo de alcohol, tabaco y marihuana en estudiantes universitarios argentinos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 39(2), Article 2. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.9445>
- Williams, A., & Crawford, K. (2016). Self-medication practices among undergraduate nursing and midwifery students in Australia: A cross-sectional study. *Contemporary Nurse*, 52(4), 410–420. <https://doi.org/10.1080/10376178.2016.1197782>

Declaração de Conflitos de Interesse

Nós, Mara Dantas Pereira, Míria Dantas Pereira, Michele Fraga de Santana, Joilson Pereira da Silva, João Alves de Moraes Filho, Caique Anizio Santos da Rosa e Paola Fernanda Santos Antunes autores do manuscrito intitulado “Associação da ansiedade e uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área da saúde” declaramos que não possuímos conflito de interesse de ordem: financeira, institucional, comercial, política, religiosa, acadêmica e pessoal.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.